

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

AGOSTO DE 1869

Nº 8

## Teoria da Beleza

(OBRAS PÓSTUMAS)<sup>26</sup>

Será a beleza coisa convencional e relativa a cada tipo? O que, para certos povos, constitui a beleza, não será, para outros, horrenda fealdade? Os negros se consideram mais belos que os brancos e *vice-versa*. Nesse conflito de gostos, haverá uma beleza absoluta? Em que consiste ela? Somos, realmente, mais belos do que os hotentotes e os cafres? Por quê?

Esta questão que, à primeira vista, parece estranha ao objeto dos nossos estudos, a eles, no entanto, se prende de modo direto e entende com o futuro mesmo da Humanidade. Ela nos foi sugerida, assim como a sua solução, pela seguinte passagem de um livro muito interessante e muito instrutivo, intitulado: *As Revoluções Inevitáveis no Globo e na Humanidade*, de Charles Richard.<sup>27</sup>

O autor combate a opinião dos que sustentam a degenerescência física do homem, desde os tempos primitivos;

<sup>26</sup> Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 533.

<sup>27</sup> Um vol. in-12, Paris Pagnerre; preço: 2 fr. 50; franco 2 fr. 75, Livraria Espírita, 7, rue de Lille.

refuta vitoriosamente a crença na existência de uma primitiva raça de gigantes e empreende provar que, do ponto de vista físico e do talhe, os homens de hoje valem os antigos, se é que não os ultrapassam.

Tratando da beleza das formas, exprime-se ele assim, nas páginas 41 e seguintes:

“Pelo que toca à beleza do rosto, à graça da fisionomia, ao conjunto que constitui a estética do corpo, ainda é mais fácil de comprovar-se a melhoria operada.

“Basta, para isso, que se lance um olhar sobre os tipos que as medalhas e as estátuas antigas nos transmitiram intactas através dos séculos.

“A iconografia de Visconti e o museu do Conde de Clarol são, entre muitas outras, duas fontes donde com facilidade se podem tirar variados elementos para este interessante estudo.

“O que mais solicita a atenção nesse conjunto de figuras é a rudeza dos traços, a *animalidade da expressão, a crueza do olhar*. O observador sente, com involuntário frêmito, que tem diante de si gente que o cortaria em pedaços, para dá-los de comer às suas moréias, como o fazia Polion, rico apreciador de boas iguarias, cidadão de Roma e familiar de Augusto.

“O primeiro Brutus (Lucius Junius), o que mandou cortar a cabeça a seus filhos e assistiu a sangue-frio ao suplício de ambos, assemelha-se a uma fera. Seu perfil sinistro tem da água e do mocho o que esses dois carneiros do ar apresentam de mais feroz. Vendo-o, ninguém pode duvidar de que haja merecido a ignominiosa honra que a História lhe conferiu. Assim como matou os dois filhos, também teria estrangulado a própria mãe, pelo mesmo motivo.

“O segundo Brutus (Marcus), que apunhalou César, seu pai adotivo, precisamente na hora em que este mais contava com o seu reconhecimento e o seu amor, lembra, pelos traços, um asno fanático; não mostra, sequer, a beleza sinistra que o artista descobre muitas vezes, essa energia extremada que impele ao crime.

“Cícero, o orador brilhante, escritor espiritual profundo, que deixou tão grande recordação da sua passagem por este mundo, tem um rosto acachapado e vulgar, que certamente tornava muito menos agradável vê-lo, do que ouvi-lo.

“Júlio César, o grande, o incomparável vencedor, o herói dos massacres, que deu entrada no reino das sombras com um cortejo de dois milhões de almas por ele previamente despachadas para lá, era tão feio como o seu predecessor, mas de outro gênero. Seu rosto magro e ossudo, posto sobre um pescoço comprido e enfeado por um “gogó” saliente, parecia-se mais com um grande Gilles do que com um grande guerreiro.

“Galba, Vespasiano, Nerva, Caracala, Alexandre Severo, Balbino, não eram apenas feios, mas horrendos. É com dificuldade que, nesse museu dos antigos tipos da nossa espécie, o observador logra descobrir, aqui ou ali, algumas figuras que possam merecer um olhar de simpatia.

“As de Cipião o Africano, de Pompeu, de Cômodo, de Heliogábulo, de Antínoo o pequeno de Adriano, são desse reduzido número. Sem serem belos, no sentido moderno da palavra, essas figuras são, entretanto, regulares e de agradável aspecto.

“As mulheres não são melhor tratadas do que os homens e dão ensejo às mesmas notas. Lívia, filha de Augusto, tem o perfil pontudo de uma fuinha; Agripina faz medo e Messalina, como que para desconcertar a Cabanis e Lavater, parece uma

gordanchuda serviçal, mais amante de sopas suculentas, do que de outra coisa.

“Os gregos, é preciso dizê-lo, são, em geral, menos mal talhados que os romanos. As figuras de Temístocles e de Milcíades, entre outros, podem comparar-se aos mais belos tipos modernos. Mas Alcebíades, o avô longínquo dos nossos Richelieu e dos nossos Lauzun, cujas façanhas galantes, por si só, enchem a crônica de Atenas, tinha, como Messalina, muito pouco do físico que corresponderia às suas atividades. Ao ver-lhe os traços solenes e a fronte grave, quem quer que seja o tomara antes por um juriconsulto agarrado a um texto de lei, do que pelo audacioso conquistador, que foi, de mulheres, que se fazia exilar em Esparta, unicamente para *enganar* o pobre rei Agis e, depois, vangloriar-se de ter sido amante de uma rainha.

“Sem embargo da pequena vantagem que, quanto a esse ponto, se possa conceder aos gregos sobre os romanos, quem se der ao trabalho de comparar esses velhos tipos com os do nosso tempo, reconhecerá sem esforço que nesse sentido, como em todos os outros, houve progresso. Apenas, convém não esquecer, nessa comparação, que aqui se trata de classes privilegiadas, sempre mais belas do que as outras e que, por conseguinte, os tipos modernos que se hajam de contrapor aos antigos deverão ser escolhidos nos salões e não nas pocilgas. É que a pobreza, ah! em todos os tempos e sob todos os aspectos, jamais foi bela e não o é, precisamente, para nos envergonhar e forçar-nos a um dia nos libertarmos dela.

“Não quero, pois, dizer, longe disso, que a fealdade haja desaparecido inteiramente das nossas frentes e que a marca divina se acha afinal posta em todas as máscaras que velam uma alma. Longe de mim avançar uma afirmação que muito facilmente poderia ser contestada por toda gente. A minha pretensão se limita a verificar que, num período de dois mil anos, *coisa tão pouca para uma humanidade que tanto tem de viver*, a fisionomia da espécie melhorou de maneira já sensível.

“Creio, além disso, que as mais belas figuras da antiguidade são inferiores às que podemos diariamente admirar em nossas reuniões públicas, em nossas festas e até no trânsito das ruas. Se não fosse o receio de ofender certas modéstias e também o de excitar certos ciúmes, confirmaria a evidência do fato com algumas centenas de exemplos conhecidos de todos, no mundo contemporâneo.

“Os oradores do passado enchem constantemente a boca com a famosa Vênus de Médicis, que lhes parece o ideal da beleza feminina, sem se aperceberem de que essa mesma Vênus passeia todos os domingos pelas avenidas de Arles, em mais de cinquenta exemplares, e poucas serão as nossas cidades, sobretudo no Sul, que não possuam algumas...

“...Em tudo o que acabamos de dizer, limitamo-nos a comparar o nosso tipo atual com o dos povos que nos precederam de apenas alguns milhares de anos. Se, porém, remontarmos mais longe através das idades, penetrando nas camadas terrestres onde dormem os despojos das primeiras raças que habitaram o nosso globo, a vantagem a nosso favor se tornará de tal modo sensível que qualquer negação a esse propósito se desvanecerá por si mesma.

“Sob aquela influência teológica que deteve Copérnico e Tycho Brahe, que perseguiu Galileu e que, nestes tempos mais próximos, obscureceu por um instante o gênio do próprio Cuvier, a Ciência hesitava em sondar os mistérios das épocas antediluvianas. A narrativa bíblica, admitida ao pé da letra, no mais estreito sentido, parecia haver dito a última palavra acerca da nossa origem e dos séculos que nos separam dela. Mas, a verdade, impiedosa nos seus acréscimos, acabou rompendo a veste de ferro em que a queriam aprisionar para sempre e pondo a nu formas até então ocultas.

“O homem que vivia, antes do dilúvio, em companhia dos mastodontes, do urso das cavernas e de outros grandes mamíferos hoje desaparecidos, o homem fóssil, numa palavra, por tão longo tempo negado, foi encontrado afinal, ficando fora de dúvida a sua existência. Os recentes trabalhos dos geólogos, particularmente os de Boucher de Perthes<sup>28</sup>, de Filippi e de Lyell, permitem se apreciem os caracteres físicos desse venerável avô do gênero humano. Ora, a despeito dos contos imaginados pelos poetas sobre a beleza originária; malgrado o respeito que lhe é devido, como chefe antigo da nossa raça, a Ciência é obrigada a atestar que ele era de prodigiosa fealdade.

“Seu ângulo facial não passava de 70°; suas mandíbulas, de considerável volume, eram armadas de dentes longos e salientes; tinha fugidia a fronte e as têmporas achatadas, o nariz esborrachado, largas as narinas. Em resumo, esse venerável pai devia assemelhar-se bem mais a um orangotango, do que aos seus afastados filhos de hoje; a tal ponto que, se não lhe houvessem achado ao lado as achas de sílex que fabricara e, em alguns casos, animais que ainda apresentavam traços das feridas causadas por essas armas informes, fora de duvidar-se do papel que ele desempenhava na nossa filiação terrestre. Não somente sabia fabricar achas de sílex, como também clavas e pontas de dardos, da mesma matéria.

“A galantaria antediluviana chegava mesmo a confeccionar braceletes e colares de pedrinhas arredondadas para adorno, naqueles tempos longínquos, dos braços e pescoços do sexo encantador, que depois se tornou muito mais exigente, como todos podem testemunhar.

“Não sei o que a respeito pensarão as elegantes dos nossos dias, cujas espáduas cintilam de diamantes; quanto a mim,

28 Vejam-se as duas obras sábias de Boucher de Perthes: *Do homem antediluviano e de suas obras*, brochura in-4, 2 fr. 25, e *Dos utensílios de pedra*, brochura in-8, 1 fr. 50; *franco*, 1 fr. 75. Paris, Livraria Espírita.

confesso-o, não me posso forrar a uma emoção profunda, ao pensar nesse primeiro esforço que o homem, *mal diferenciado do bruto*, fez para agradar à sua companheira, pobre e nua como ele, no seio de uma natureza inóspita, sobre a qual a sua raça há de reinar um dia. Oh! distanciados avós! se já sabíeis amar, com as vossas faces rudimentares, como poderíamos nós duvidar da vossa paternidade, ante esse sinal divino da nossa espécie?

“É, pois, manifesto que aqueles humanos informes são nossos pais, uma vez que nos deixaram traços da sua inteligência e do seu amor, atributos essenciais que nos separam da besta. Podemos, então, examinando-os atentamente, despojados das aluviões que os cobrem, medir, como a compasso, o progresso físico que a nossa espécie realizou, desde o seu aparecimento na Terra. Ora, esse progresso, que, faz pouco, podia ser contestado pelo espírito de sistema e pelos prejuízos de educação, assume tal evidência que não há mais como deixar de o reconhecer e proclamar.

“Alguns milhares de anos podiam permitir dúvidas, algumas centenas de séculos as dissipam irrevogavelmente...

“...Quão jovens e recentes somos em todas as coisas! Ainda ignoramos o nosso lugar e o nosso caminho na imensidade do Universo e ousamos negar progressos que, por falta de tempo, ainda não puderam ser reconhecidos. Crianças que somos, tenhamos um pouco de paciência e os séculos, aproximando-nos da meta, nos revelarão esplendores que, no seu afastamento, escapam aos nossos olhos apenas entreabertos.

“Mas, desde já, proclamemos em altas vozes, pois que a Ciência no-lo permite, o fato capital e consolador do progresso lento, mas seguro, do nosso tipo físico, rumo a esse ideal que os grandes artistas entreviram, graças às inspirações que o céu lhes envia, revelando-lhes seus segredos. O ideal não é produto ilusório

da imaginação, um sonho fugitivo destinado a dar, de tempos a tempos, compensação às nossas misérias. É um fim assinado por Deus aos nossos aperfeiçoamentos, fim infinito, porque só o infinito, em todos os casos, pode satisfazer ao nosso espírito e oferecer-lhe uma carreira digna dele.”

Destas judiciosas observações, resulta que a forma dos corpos se modificou *em sentido determinado* e segundo uma lei, à medida que o ser moral se desenvolveu; que a forma exterior está em relação constante com o instinto e os apetites do ser moral; que, quanto mais seus instintos se aproximam da animalidade, tanto mais a forma igualmente dela se aproxima; enfim, que, à medida que os instintos materiais se depuram e dão lugar a sentimentos morais, o envoltório material, que já não se destina à satisfação de necessidades grosseiras, toma formas cada vez menos pesadas, mais delicadas, de harmonia com a elevação e a delicadeza das idéias. A perfeição da forma é, assim, consequência da perfeição do Espírito: donde se pode concluir que o ideal da forma há de ser a que revestem os Espíritos em estado de pureza, a com que sonham os poetas e os verdadeiros artistas, porque penetram, pelo pensamento, nos mundos superiores.

Diz-se, de há muito, que o semblante é o espelho da alma. Esta verdade, que se tornou axioma, explica o fato vulgar de desaparecerem certas fealdades sob o reflexo das qualidades morais do Espírito e o de, muito amiúde, se preferir uma pessoa feia, dotada de eminentes qualidades, a outra que apenas possui a beleza plástica. É que semelhante fealdade consiste unicamente em irregularidades de forma, mas sem excluir a finura dos traços, necessária à expressão dos sentimentos delicados.

Do que precede se pode concluir que a beleza real consiste na forma que mais afastada se apresenta da animalidade e que melhor reflete a superioridade intelectual e moral do Espírito, que é o ser principal. Influindo o moral, como influi, sobre o físico,



que ele apropria às suas necessidades físicas e morais, segue-se: 1<sup>a</sup> que o tipo da beleza consiste na forma mais própria à expressão das mais altas qualidades morais e intelectuais; 2<sup>a</sup> que, à medida que o homem se elevar moralmente, seu envoltório se irá avizinando do ideal da beleza, que é a beleza angélica.

O negro pode ser belo para o negro, como um gato é belo para um gato; mas, não é belo em sentido absoluto, porque seus traços grosseiros, seus lábios espessos acusam a materialidade dos instintos; podem exprimir as paixões violentas, mas não podem prestar-se a evidenciar os delicados matizes do sentimento, nem as modulações de um espírito fino.<sup>29</sup>

**29 Nota da Editora:** Na formulação dos princípios que integram o alicerce da Doutrina Espírita, Allan Kardec adotou os critérios da *universalidade* e da *concordância* ao avaliar o ensino dos Espíritos, agindo como árbitro imparcial, sóbrio, que não poupa esforços para escoimar das imperfeições humanas os fundamentos do Espiritismo.

Convencido do caráter progressivo da Doutrina Espírita, bem como da inexorabilidade da “Lei do Progresso” (*O Livro dos Espíritos*, Livro Terceiro, Cap. VIII), o Codificador buscou dotar o Espiritismo de meios eficazes para o seu aperfeiçoamento, capazes de proporcionar o esclarecimento e o aprofundamento de questões tratadas apenas de forma sintética nas obras básicas. Para tanto, editou a *Revista Espírita*, publicada sob sua responsabilidade direta até desencarnar, em 1869, quando, então, ela passou a ser administrada pelos seus continuadores. Visando àquele objetivo, Allan Kardec transformou-a numa espécie de tribuna livre, por meio da qual sondava a reação dos homens e a impressão dos Espíritos acerca de determinados assuntos, ainda hipotéticos ou mal compreendidos, enquanto lhes aguardava a confirmação. Funcionando como terreno de ensaio, a *Revista Espírita* lhe permitia discutir alguns princípios, muitos deles sob a forma de esboços mais ou menos desenvolvidos, antes de os admitir como partes constitutivas da Doutrina.

Absolutamente convencido, no entanto, de que assuntos novos não deveriam ser introduzidos levanamente no contexto doutrinário, nem com precipitação, o Codificador evitava publicar matérias que julgava inoportunas ou prematuras, mesmo as instruções dadas pelos Espíritos, sobre pontos ainda não elucidados, esperando o momento adequado para trazê-las ao público geral.

Allan Kardec guardava em sua residência diversos manuscritos, que só vieram à luz após a sua desencarnação. Entre esses escritos havia material fragmentário, ensaios, verdadeiros esboços, aguardando,

Daí o podermos, sem fatuidade, creio, dizer-nos mais belos do que os negros e os hotentotes. Mas, também pode ser que, para as gerações futuras, melhoradas, sejamos o que são os hotentotes com relação a nós. E quem sabe se, quando encontrarem os nossos fósseis, elas não os tomarão pelos de alguma espécie de animais.

Lido que foi na Sociedade de Paris, este artigo se tornou objeto de grande número de comunicações, apresentando todas as mesmas conclusões. Transcreveremos apenas as duas seguintes, por serem as mais desenvolvidas:

**(Paris, 4 de fevereiro de 1869 – Médium: Sra. Malet)**

Ponderastes com acerto que a fonte primária de toda bondade e de toda inteligência é também a fonte de toda beleza. –

possivelmente, mais ampla revisão, e que não tinham sido publicados pelo Codificador. O artigo “Teoria da Beleza”, que compõe esse acervo, esboçado por Kardec, fazia parte, por certo, desse material privado, reservado, ainda sob análise e observação, material que o Codificador julgou conveniente não publicar, seguramente, entre outras razões, por não estar convencido de que retratasse uma verdade.

Todavia, esse acervo foi entregue aos seus continuadores, que houveram por bem reproduzi-lo parcialmente na *Revista Espírita*, a contar do mês de maio de 1869, antes de o publicarem integralmente em volume à parte, sob o título de *Obras Póstumas*, em 1890.

Feitas essas considerações, pode-se concluir que, além de se tratar de simples ensaio, de mero esboço, esse material não chegou a ser submetido ao critério da *universalidade* e da *concordância*. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, “Introdução”, item II: Controle universal do ensino dos Espíritos.) É razoável, portanto, admitir-se que o Codificador tenha optado por não os publicar, aguardando o indispensável amadurecimento do assunto e o eventual aprimoramento e correção do texto. Não obstante, é possível que os seus continuadores, na busca de textos para alimentarem as sucessivas edições da *Revista Espírita*, não se tenham apercebido da profundidade dos critérios adotados por Allan Kardec na publicação de seus trabalhos, a despeito dos nobres propósitos que os norteavam, quais sejam os de dar continuidade ao trabalho encetado pelo Codificador.

Finalmente, ao não lhes dar publicidade, quando encarnado, mais uma vez se patenteia o bom senso, a lógica, o zelo, a prudência e a humildade de Allan Kardec. Assim, é com senso crítico, madureza e serenidade que nos cabe analisar o assunto que acabamos de abordar.

O amor gera a beleza de todas as coisas, sendo, ele próprio, a perfeição. — O Espírito tem por dever adquirir essa perfeição, que é a sua essência e o seu destino. Ele tem que se aproximar, por seu trabalho, da inteligência soberana e da bondade infinita; tem, pois, também que revestir a forma cada vez mais perfeita, que caracteriza os seres perfeitos.

Se, nas vossas sociedades infelizes, no vosso globo ainda mal equilibrado, a espécie humana está tão longe dessa beleza física, é porque a beleza moral ainda está em começo de desenvolvimento. A conexão entre essas duas belezas é fato certo, lógico e do qual já neste mundo a alma tem a intuição. Com efeito, sabeis todos quão penoso é o aspecto de uma encantadora fisionomia, cujo encanto, porém, o caráter desmente. Se ouvís falar de uma pessoa de mérito comprovado, logo lhe atribuíis os mais simpáticos traços e ficais dolorosamente impressionados, quando verificais que a realidade desmente as vossas previsões.

Que concluir daí, senão que, como todas as coisas que o futuro guarda de reserva, a alma tem a presciência da beleza, à medida que a Humanidade progride e se aproxima do seu tipo divino. Não busqueis tirar, da aparente decadência em que se acha a raça mais adiantada deste globo, argumentos contrários a essa afirmação. Sim, é verdade que a espécie parece degenerar, abastardar-se; sobre vós se abatem as enfermidades antes da velhice; mesmo a infância sofre as moléstias que habitualmente só se manifestam noutra idade da vida. É isso, no entanto, simples transição. A vossa época é má; ela acaba e gera: acaba um período doloroso e gera uma época de regeneração física, de adiantamento moral, de progresso intelectual. A nova raça, de que já falei, terá mais faculdades, mais recursos para os serviços do espírito; será maior, mais forte, mais bela. Desde o princípio, por-se-á de harmonia com as riquezas da Criação que a vossa raça, descuidosa e fatigada, desdenha ou ignora. Ter-lhes-eis feito grandes coisas, das quais ela aproveitará, avançando pela estrada das descobertas e

dos aperfeiçoamentos, com um ardor febril cujo poder desconheceis.

Mais adiantados também em bondade, os vossos descendentes farão desta infeliz terra o que não haveis sabido fazer: um mundo ditoso, onde o pobre não será repellido, nem desprezado, mas socorrido por vastas e liberais instituições. Já desponta a aurora dessas idéias; chega-nos, por momentos, a claridade delas.

Amigos, eis afinal o dia em que a luz brilhará na Terra obscura e miserável, em que a raça será boa e bela, de acordo com o grau de adiantamento que haja alcançado, em que o sinal posto na frente do homem já não será o da reprovação, mas um sinal de alegria e de esperança. Então, os Espíritos adiantados virão, em multidões, tomar lugar entre os colonos deste globo; estarão em maioria e tudo lhes cederá ao passo. Far-se-á a renovação e a face do globo será mudada, porquanto essa raça será grande e poderosa e o momento em que ela vier assinalará o começo dos tempos venturosos.

*Pamphile*

(Paris, 4 de fevereiro de 1869)

A beleza, do ponto de vista puramente humano, é uma questão muito discutível e muito discutida. Para a apreciarmos bem, precisamos estudá-la como amator desinteressado. Aquele que estiver sob o encantamento não pode ter voz no capítulo. Também entra em linha de conta o gosto de cada um, nas apreciações que se fazem.

Belo, realmente belo só é o que o é sempre e para todos; e essa beleza eterna, infinita, é a manifestação divina em seus aspectos incessantemente variados; é Deus em suas obras e nas suas leis! Eis aí a única beleza absoluta. É a harmonia das

harmonias e tem direito ao título de absoluta, porque nada de mais belo se pode conceber.

Quanto ao que se convencionou chamar belo e que é verdadeiramente digno desse título, não deve ser considerado senão como coisa essencialmente relativa, porquanto sempre se pode conceber alguma coisa mais bela, mais perfeita. Somente uma beleza existe e uma única perfeição: Deus. Fora dele, tudo o que adornarmos com esses atributos não passa de pálido reflexo do belo único, de um aspecto harmonioso das mil e uma harmonias da Criação.

Há tantas harmonias, quantos objetos criados, quantas belezas típicas, por conseguinte, determinando o ponto culminante da perfeição que qualquer das subdivisões do elemento animado pode alcançar. – A pedra é bela e bela de modos diversos. – Cada espécie mineral tem suas harmonias e o elemento que reúne todas as harmonias da espécie possui a maior soma de beleza que a espécie possa alcançar.

A flor tem suas harmonias; também ela pode possuí-las todas ou insuladamente e ser diferentemente bela, mas somente será bela quando as harmonias que concorrem para a sua criação se acharem harmonicamente fusionadas. – Dois tipos de beleza podem produzir, por fusão, um ser híbrido, informe, de aspecto repulsivo. – Há então cacofonia! Todas as vibrações, insuladamente, eram harmônicas, mas a diferença de tonalidade entre elas produziu um desacordo, ao encontrarem-se as ondas vibrantes; *daí o monstro!*

Descendo a escala criada, cada tipo animal dá lugar às mesmas observações e a ferocidade, a manha, até a inveja poderão dar origem a belezas especiais, se estiver sem mistura o princípio que determina a forma. A harmonia, mesmo no mal, produz o

belo. Há o belo satânico e o belo angélico; a beleza enérgica e a beleza resignada.

Cada sentimento, cada feixe de sentimentos, contanto que seja harmônico, produz um particular tipo de beleza, cujos aspectos humanos são todos, não degenerescências, mas esboços. É, pois, certo dizermos, não que somos mais belos, porém que nos aproximamos cada vez mais da beleza real, à medida que nos elevamos para a perfeição.

Todos os tipos se unem harmonicamente no perfeito. Daí o ser este o belo absoluto. – Nós que progredimos possuímos apenas uma beleza relativa, debilitada e combatida pelos elementos desarmônicos da nossa natureza.

*Lavater*

*Allan Kardec*

## Aos Espíritas

### CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE ANÔNIMA SEM FINS LUCRATIVOS E DE CAPITAL VARIÁVEL DA CAIXA GERAL E CENTRAL DO ESPIRITISMO<sup>30</sup>

Quando a morte feria tão cruelmente a grande família espírita na pessoa de seu chefe venerado, todos nós perdíamos um guia eminente e devotado, consagrando na prática os princípios tão sábia e solidamente elaborados durante quinze anos de assíduo trabalho. A Sra. Allan Kardec perdia ainda mais, porque era privada inopinadamente do companheiro de toda a sua vida, do amigo

<sup>30</sup> O ato da Sociedade, de 3 de julho de 1869, acha-se anexado à declaração feita em 22 do mesmo mês, perante um tabelião de Paris, na qual consta que o capital social de fundação está inteiramente subscrito e liberado.

dedicado a quem devia toda a sua felicidade. Ferida em suas mais caras afeições, por certo nada podia preencher o imenso vazio cavado ao seu lado pela partida do mestre; mas, se havia alguma coisa capaz de fortalecer sua coragem e suavizar as amarguras de sua saudade, era, com toda certeza, as inúmeras e calorosas marcas de simpatia que lhe foram dadas por todos os espíritas, da França e do estrangeiro, e que a tocaram profundamente.

Na impossibilidade material de responder a todos, mais uma vez ela nos encarrega de lhes transmitir aqui a expressão de seu vivo reconhecimento e de toda a sua gratidão.

Os testemunhos de que foi objeto são, para ela, estímulos poderosos e bem doces compensações, e que lhe ajudam a suportar as dificuldades e as fadigas de toda natureza, inseparáveis da pesada tarefa a que se impôs. Ninguém duvida de que, se ela só tivesse dado ouvidos aos seus interesses pessoais, poderia facilmente garantir a sua tranqüilidade e o seu repouso, deixando as coisas seguir por si mesmas e se mantendo à margem; mas, colocando-se de um ponto de vista mais elevado e, aliás, guiada pela certeza de que podia contar com o Sr. Allan Kardec, para continuar a via traçada, a obra moralizadora que foi o objeto de toda a sua solicitude durante os últimos anos de sua vida, ela não hesitou um só instante. Profundamente convicta da verdade dos ensinamentos espíritas, não poderia, diz ela, melhor empregar o tempo que ainda deve passar na Terra, antes de reunir-se no espaço com o coordenador por excelência da nossa consoladora filosofia, senão assegurando a vitalidade do Espiritismo no futuro.

Aliás, nas circunstâncias atuais, é evidente que lhe cabe, mais do que a qualquer outro, realizar material e moralmente, na medida do possível, os planos do Sr. Allan Kardec, pois só ela dispõe dos elementos indispensáveis para determinar solidamente as suas bases constitutivas.

Aos que se admirassem da aparente lentidão com que foram elaborados os seus planos, lembraríamos que a Sra. Allan Kardec teve que suportar as numerosas formalidades a que dão lugar as sucessões; que devia, assim como seus conselheiros, estudar com cuidado o *espírito* desses planos e se prender especialmente à execução das partes atualmente praticáveis, contando com o futuro para a sua realização integral, à medida que surgissem novas necessidades. Deixamos à apreciação de todos que têm o hábito dos negócios, a atividade real que ela precisou desdobrar para, em meio a dificuldades de toda ordem, elaborar um projeto que o Sr. Allan Kardec tencionava executar ao longo do tempo, com recursos intelectuais que nenhum de nós poderia dispor.

Decidida a agir, a Sra. Allan Kardec apressou-se em comunicar suas idéias a vários espíritas de Paris e da província, escolhidos entre os mais conceituados em Espiritismo, por seus atos e por seus dons, ou que tinham sido designados especialmente pelo Sr. Allan Kardec para o auxiliarem em seu *trabalho quotidiano*, a fim de constituírem a organização primitiva que ele desejara fundar pessoalmente.

É esta decisão, tomada em conjunto com aqueles senhores, que a Sra. Allan Kardec vem hoje tornar pública aos espíritas.

Após madura e séria deliberação, foi decidido que era mais urgente formar uma base de associação comercial, como o único meio legal possível para se conseguir fundar qualquer coisa durável.

Em conseqüência, ela estabeleceu, com o concurso de seis outros espíritas, uma sociedade anônima de capital variável, com duração de 99 anos, em conformidade com as previsões do Sr. Allan Kardec, que há pouco se exprimia a respeito, nos seguintes



termos (*Revista* de dezembro de 1868): “Para dar a esta instituição uma existência legal, ao abrigo de toda contestação, dar-lhe, além disso, o direito de adquirir, receber e possuir, ela será constituída, *se for julgado necessário*, por ato autêntico, sob forma de sociedade comercial anônima, por noventa e nove anos, prorrogável indefinidamente, com todas as estipulações necessárias para que jamais possa afastar-se de seu objetivo, e que os fundos não possam ser desviados de sua destinação.”

“Pág. 390. – A administração pode, no começo, organizar-se em menor escala; o número de membros da comissão poderá ser limitado provisoriamente a cinco ou seis, o pessoal e os gastos administrativos reduzidos ao mínimo possível, salvo para proporcionar o desenvolvimento pelo acréscimo dos recursos e das necessidades da causa.”

Se a Sra. Allan Kardec não propôs a um maior número de espíritas a fundação desta Sociedade, foi porque, salvo as razões enunciadas acima, a lei exige formalidades que implicam em deslocamentos e negociações sem número que, certamente, teriam retardado por longo tempo a sua constituição definitiva. Ela está certa de que, mais tarde, inúmeras adesões virão concorrer para a obra. Antes de tudo, era preciso estabelecer um centro de ligação, onde se pudessem reunir os recursos intelectuais e materiais espalhados no mundo inteiro. Estabelecido este centro, cabe aos que lhe compreenderem a urgência, e cujo ativo devotamento aos nossos princípios não pode ser posto em dúvida, assegurar o seu concurso em bases sólidas e indestrutíveis.

Estamos felizes por constatar que, longe dos milhões que teria adquirido com o Espiritismo, como tantas vezes o acusaram, foi com os seus próprios recursos, com o fruto dos seus labores e das suas vigílias, que o Sr. Allan Kardec proveu à maior parte das necessidades materiais de implantação do Espiritismo. A isso consagrou inteiramente o produto de suas obras, que,

certamente, poderia dispor como justa remuneração por seus trabalhos, embora não desviasse nenhuma parcela em seu proveito pessoal. Os que o ajudaram a propagar as suas obras também contribuíram, indiretamente, para o desenvolvimento da Doutrina, já que o seu produto interessa ao Espiritismo, e não a um indivíduo.

Animada dos mesmos sentimentos e querendo concorrer pessoalmente para a obra, a Sra. Allan Kardec virá, por suas últimas disposições, aumentar ainda mais os recursos do fundo comum. Assim, ela terá dado nobremente o exemplo, cumprindo seu dever de espírita devotada e feliz por satisfazer aos desejos daquele cujos trabalhos e dificuldades ela compartilhou.

Com o fito de satisfazer ao legítimo desejo dos nossos leitores, julgamos um dever publicar na *Revista* diversos extratos do ato da Sociedade, visando, sobretudo, a tornar explícitas as cláusulas de interesse geral, de modo a não lhes deixar nenhuma dúvida quanto ao objetivo e à estabilidade da Sociedade.

*Objetivo – Denominação – Duração – Sede da Sociedade*

A Sociedade Anônima tem por objetivo tornar conhecido o Espiritismo por todos os meios autorizados pelas leis. Tem por base a continuação da *Revista Espírita*, fundada pelo Sr. Allan Kardec, a publicação das obras deste último, aí inclusas as suas obras póstumas e todas as obras que tratam do Espiritismo.

Ela toma a denominação de: *Sociedade Anônima sem fins lucrativos e de capital variável da Caixa Geral e Central do Espiritismo*.

A duração da Sociedade é fixada em noventa e nove anos, a contar de sua constituição definitiva, que deve ocorrer no corrente mês de agosto.

Atualmente a sede da Sociedade é: 7, rue de Lille.

O fundo social, capital de fundação, é fixado em 40.000 francos. É susceptível de aumento, notadamente pela admissão de novos societários.

Esse capital, inteiramente subscrito a partir de hoje, está dividido em quarenta partes de 1000 francos cada uma.

A lei autoriza o aumento de capital na proporção de 200.000 francos por ano.

Em nenhum caso o fundo social poderá ser diminuído pela retomada total ou parcial das contribuições efetuadas.

Cada parte é indivisível, não reconhecendo a Sociedade senão um proprietário para cada uma delas.

#### *Administração da Sociedade*

A Sociedade é administrada por uma comissão de três membros, *no mínimo*, nomeados pela assembléia-geral dos associados e escolhidos entre estes.

Os administradores devem ser proprietários, durante toda a duração de seu mandato, de pelo menos duas cotas partes, oferecidas como garantia de sua gestão e inalienáveis até a apuração final de suas contas.

A comissão é nomeada por seis anos, revogável pela assembléia-geral e reelegível indefinidamente.

Os administradores terão um honorário fixo de 2.400 francos por ano, e uma parte nos benefícios.

Esta parte de benefícios, mais o honorário fixo, jamais devem exceder a 4.000 francos.

*Dos comissários-fiscais*

Anualmente é nomeada uma comissão de fiscais de *no mínimo* dois membros, entre os associados ou fora destes.

Eles comparecerão à sede social sempre que julgarem conveniente, tomando notas dos livros e dedicando-se ao exame das operações da Sociedade.

Eles convocam a assembléia-geral em caso de urgência. Os recrutados fora da Sociedade têm voz deliberativa, exercendo, numa palavra, a fiscalização e fazendo os contatos determinados por lei com a assembléia-geral.

*Das assembléias-gerais*

A assembléia-geral regularmente constituída representa todos os associados.

Em julho se realiza uma assembléia-geral ordinária. – Ela delibera soberanamente sobre os interesses da Sociedade.

Conforme os casos, as deliberações são tomadas por unanimidade, ou por dois terços da maioria dos membros presentes.

O presidente e o secretário são escolhidos em cada sessão.

As deliberações são consignadas em atas e devidamente registradas.

A assembléia-geral delibera especialmente sobre os pedidos de admissão de novos associados, sobre as modificações estatutárias, sobre a nomeação ou a exoneração dos administradores e sobre a nomeação dos comissários fiscais.

*Estados de situação – Inventário – Benefícios*

O ano social começa em 1º de abril e termina em 31 de março.

A cada seis meses os administradores apresentam um resumo da situação ativa e passiva da Sociedade.

No final de cada ano social é feito um inventário, o qual é posto à disposição dos associados.

Sobre os benefícios líquidos, retêm-se:

1º – 1/20 para o fundo de reserva legal;

2º – 3% do fundo social para ser pago a cada parte;

3º – 10% para os administradores assalariados, mas sem que esses 10%, reunidos ao honorário fixo, possam ultrapassar 4.000 francos;

4º – O excedente dos benefícios líquidos retorna ao fundo social.

*Fundos de reserva*

O fundo de reserva compõe-se:

1º – Da acumulação das somas retidas sobre os benefícios líquidos anuais;

2º – De todos os donativos legalmente feitos à Sociedade, seja a que título for.

Ele é destinado ao reembolso do capital nos casos previstos pelos estatutos.

Quando esses fundos de reserva atingirem a décima parte do fundo social, a retirada dos benefícios líquidos determinados em sua criação poderá deixar de lhe aproveitar e ser aplicado quer no aumento do capital, quer nas despesas no interesse do Espiritismo.

Somente a assembléia-geral poderá regular o emprego dos capitais pertencentes ao fundo de reserva.

*Dissolução – Liquidação*

Em caso de perda de três quartos do capital, qualquer associado poderá solicitar a dissolução da Sociedade perante os tribunais.

A Sociedade não se dissolverá pela morte, aposentadoria, interdição, falência ou insolvência de um dos associados, continuando a existir de pleno direito entre os demais associados.

Em razão da ocorrência de um uma dessas causas, o capital será reembolsado àqueles a quem por direito pertence alguma coisa, à taxa de 1.000 francos para cada parte, no curso de cinco anos a partir do dia da perda da qualidade de associado, com juro de 5%. Este reembolso será efetuado com os capitais do fundo de reserva.

Nenhum associado poderá retirar-se em vida da Sociedade, a menos que admita um cessionário para a assembléia-geral anual. – A resolução é tomada por unanimidade dos membros presentes.

A duração da Sociedade pode ser prorrogada além do termo de 99 anos.

Tais são os principais artigos dos estatutos da Sociedade. Temos certeza de que o desinteresse absoluto que moveu seus fundadores será apreciado em seu justo valor por todo observador consciencioso. Aliás, é fácil constatar-se, se nos reportarmos à constituição transitória do Espiritismo, publicada pelo Sr. Allan Kardec no número de dezembro de 1868, que a Sociedade deixou-se guiar unicamente e absolutamente pelo *espírito* dessa constituição. Limitou-se ao estritamente necessário, às necessidades urgentes, já que não esqueceu, conforme os preceitos do mestre, que em tudo é preciso pedir conselho às circunstâncias, e que querer apoiar prematuramente certas instituições especiais na Doutrina, seria expor-se a fracassos certos, cuja impressão seria desastrosa e que teriam como resultado provável, se não destruir uma filosofia imperecível, ao menos retardar por longo tempo a sua propagação definitiva.<sup>31</sup> Certamente, em casos semelhantes, os nossos adversários não deixariam de imputar à incapacidade da Doutrina um insucesso que, no entanto, resultaria apenas da imprevidência.

*“Por não saberem esperar, a fim de chegarem no momento exato, diz o Sr. Allan Kardec (Revista de dezembro de 1868), os muito apressados e os impacientes, em todos os tempos, hão comprometido as melhores causas.*

“Não se pode pedir às coisas senão o que elas podem dar, à medida que se vão pondo em estado de produzir. Não se pode exigir de uma criança o que se pode esperar de um adulto, nem de uma árvore que acaba de ser plantada o que ela dará quando estiver em toda a sua pujança. O Espiritismo, em via de elaboração, somente resultados individuais podia dar; *os resultados coletivos e gerais serão fruto do Espiritismo completo, que sucessivamente se desenvolverá.*”

31 A questão das instituições espíritas foi especialmente tratada na *Revista* de julho de 1866. A ela enviamos os nossos leitores para maior desenvolvimento.

Como é fácil notar, a base das operações da Sociedade será, antes de tudo, a livraria especialmente fundada com o objetivo de escoimar as obras fundamentais da Doutrina das condições onerosas do comércio ordinário, delas fazendo objeto de publicações populares de baixo custo. Este foi sempre o mais vivo desejo do Sr. Allan Kardec que, a respeito, se expressava nos seguintes termos:

“Muitas pessoas lamentam que as obras fundamentais da Doutrina tenham um preço tão elevado para grande número de leitores, e pensam, com razão, que se fossem feitas edições populares a baixo custo, estariam muito mais espalhadas, com o que ganharia a Doutrina.

“Estamos completamente de acordo; mas, no estado atual das coisas, as condições em que são editadas não permitem que o seja de outro modo. Esperamos chegar um dia a esse resultado, com o auxílio de uma *nova combinação* que se ligue ao plano geral de organização. Mas essa operação não pode ser realizada senão em vasta escala; só de nossa parte exigiria capitais que não possuímos e cuidados materiais, que os nossos trabalhos, que reclamam todas as nossas meditações, não nos permitem dar. É por isto que a parte comercial propriamente dita foi negligenciada ou, melhor dizendo, sacrificada ao estabelecimento da parte doutrinária. O que importava, antes de tudo, é que as obras fossem feitas e assentadas as bases da Doutrina.

“Aos que perguntaram por que vendíamos nossos livros, em vez de os doar, respondemos que o faríamos se tivéssemos encontrado impressor que no-los imprimisse a troco de nada, negociante que nos fornecesse papel grátis, livreiros que não exigissem nenhuma comissão para se encarregarem de distribuí-los, uma administração dos correios que os transportasse por filantropia, etc. Enquanto esperamos, e como não temos milhões para subvencionar esses encargos, somos obrigados a lhes dar um preço.



“Um dos primeiros cuidados da comissão será ocupar-se das publicações, desde que seja possível, *sem esperar poder fazê-lo com a ajuda da receita*; os fundos destinados a este uso não serão, na realidade, senão um adiantamento, pois que voltarão pela venda das obras, cujo produto retornará ao fundo comum.”

As operações necessárias, tendo como objetivo reunir nas mãos da Sociedade Anônima todas as obras fundamentais da Doutrina e, em geral, todas as que podem ser de interesse capital para os estudos espíritas, não tomarão senão um certo tempo, exigindo o remanejamento de fundos relativamente consideráveis. Segundo o desejo do Sr. Allan Kardec, é a esta providência, cuja importância é evidente para todos, que se consagrarão em primeiro lugar os membros fundadores da Sociedade.

Entre as atribuições atualmente praticáveis da Sociedade Anônima, é preciso considerar, igualmente, o cuidado de reunir todos os documentos capazes de interessar aos espíritas, de determinar o movimento progressivo da Doutrina e de continuar com os nossos correspondentes da França e do estrangeiro as relações amigáveis e benévolas que eles entretinham com o centro, relações que, por sua extensão e múltiplo objeto, não podiam mais repousar na cabeça de um indivíduo. — Tal é, ainda, uma das importantes considerações que levaram o Sr. Allan Kardec a substituir uma direção única pela comissão central, uma coletividade inteligente, cujas atribuições seriam definidas de maneira a não dar lugar a arbitrariedades.

“Fica bem entendido, dizia ele a propósito, que aqui se trata de uma autoridade moral, no que respeita à interpretação e aplicação dos princípios da Doutrina, e não de um poder disciplinar qualquer.

“Para o público estranho, um corpo constituído tem maior ascendente e preponderância; contra os adversários,

sobretudo, apresenta uma força de resistência e dispõe de meios de ação com que um indivíduo não poderia contar; aquele luta com vantagens infinitamente maiores. Uma individualidade está sujeita a ser atacada e aniquilada; o mesmo já não se dá com uma entidade coletiva.

“Há, igualmente, numa entidade coletiva, uma garantia de estabilidade que não existe, quando tudo recai sobre uma única cabeça. Desde que o indivíduo se ache impedido por uma causa qualquer, tudo fica paralisado. A entidade coletiva, ao contrário, se perpetua incessantemente; embora perca um ou vários de seus membros, nada periclita.

“Conseqüente com os princípios de tolerância e de respeito a todas as opiniões, que o Espiritismo professa, não pretendemos impor esta organização a ninguém, nem constranger quem quer que seja a se submeter a ela. Nosso objetivo é estabelecer um primeiro laço entre os espíritas, que o desejam desde muito tempo e se lastimam de seu isolamento. Ora, esse laço, sem o qual o Espiritismo ficaria em estado de opinião individual, sem coesão, só pode existir com a condição de se religar a um centro por uma comunhão de vistas e de princípios. Este centro não é uma *individualidade*, mas um foco de atividade coletiva, agindo no interesse geral e na qual a autoridade pessoal se apaga.”

Os fundadores da Sociedade anônima estão de tal modo persuadidos de que o Espiritismo não pode nem deve residir numa só personalidade, que, para evitar o perigo de vê-lo servir de trampolim à ambição de um só ou de alguns, e dele fazer um objeto qualquer de especulação pessoal, convidam os espíritas, com veemência, a fazerem abstração dos indivíduos. Nunca seria demais lhes recomendar que enviem suas cartas, seja qual for o seu objeto, à administração da Sociedade Anônima, sem qualquer designação pessoal. A distribuição das cartas será de alçada puramente administrativa.

Todavia, e para reduzir as diligências e as perdas de tempo ao mínimo possível, os valores ou vales postais inseridos nas cartas endereçadas à Sociedade deverão ser dirigidos ao Sr. Bittard, encarregado especialmente dos recebimentos, sob a vigilância da comissão de administração da Sociedade.

Aos que se admirarem de ver uma Sociedade fundada com objetivo eminentemente filantrópico e moralizador constituir-se sobre as bases ordinárias das sociedades comerciais, observaremos que, legalmente, não se pode fundar nenhuma sociedade desse tipo sem fins lucrativos. Aliás, por força de um artigo especial relativo às modificações a serem feitas nos estatutos, a Sociedade estará sempre habilitada a marchar com os acontecimentos, a modificar-se e a transformar-se, se as circunstâncias lho permitirem ou se o interesse do Espiritismo nisso vir uma necessidade.

Quanto aos honorários dos administradores, à justa remuneração de seu trabalho, além de pouco elevados para não ensejarem cobiça, estão plenamente e inteiramente justificados pela seguinte passagem da *Revista* de dezembro de 1868:

“São em grande número, como se vê, as atribuições da comissão central, para necessitarem de uma verdadeira administração. Tendo cada um de seus membros funções ativas e assíduas, se apenas a constituíssem homens de boa vontade, os trabalhos seriam prejudicados, porquanto ninguém teria o direito de censurar os negligentes. Para regularidade dos trabalhos e normalidade do expediente, necessário se torna contar com homens de cuja assiduidade se possa estar certo e que não considerem suas funções como simples ato de prazer. De quanto mais independência eles forem senhores, pelos seus recursos pessoais, tanto menos se deixarão prender por ocupações assíduas; se não dispuserem de tempo, não poderão consagrá-lo àquelas funções. Importa, pois, que sejam retribuídos, assim como

o pessoal administrativo. Com isso a Doutrina ganhará em força, em estabilidade, em pontualidade, do mesmo passo que constituirá um meio a prestar serviços a pessoas que dela necessitem.”

As diversas cláusulas concernentes ao reembolso do capital, em caso de aposentadoria ou de morte de um associado, são bastante explícitas, de modo que não nos parece útil comentá-las. Apenas lembraremos que tais reembolsos, por certo bastante excepcionais e efetuando-se sobre o fundo de reserva, jamais poderão diminuir o capital da Sociedade.

Se um associado se retirar voluntariamente, não haverá nenhum prejuízo à integralidade do capital, pois que, nesse caso, o associado deverá admitir um cessionário de suas perdas, que, ao ser admitido, entrará com a soma retirada pelo demissionário. Talvez objetem que haja neste parágrafo uma causa de perigo para a vitalidade da Sociedade, por permitir a pessoas estranhas ao Espiritismo nela introduzir-se, trazendo elementos de perturbação e de desorganização; mas tal perigo foi previsto e afastado, pois a admissão dos cessionários só é decidida na assembléia-geral, e pela unanimidade dos membros presentes.

Como dissemos no início, as providências legais e a necessidade de deslocamento foram as únicas razões que nos obrigaram a limitar o número dos fundadores ao menor número possível.

A Sociedade que, antes de tudo, deseja realizar os desígnios do Sr. Allan Kardec, satisfazendo aos desejos da maioria, ficará feliz com as adesões que obterá e com os associados e comissários-fiscais que encontrará entre os espíritas, conhecidos pelo seu devotamento à causa e por sua participação em sua incessante propagação.

A Sociedade constituiu-se em Paris porque é preciso a toda fundação séria uma sede de operação determinada, mas os

membros que a constituírem e a ela se associarem, evidentemente poderão, à medida que ela se desenvolver, pertencer a todos os centros que reconhecerem a sua autoridade e aceitarem os seus princípios.

Mas, qual será a extensão das operações da Sociedade Anônima? Não poderíamos responder melhor a esta questão do que citando textualmente as reflexões que, a propósito, expendeu o Sr. Allan Kardec:

“Qual será a extensão do círculo de atividades desse centro? É destinado a reger o mundo e a tornar-se o árbitro universal da verdade? Se tivesse essa pretensão, seria compreender mal o espírito do Espiritismo que, por isso mesmo que proclama os princípios do livre-exame e da liberdade de consciência, repudia a idéia de se erigir em autocracia; desde o começo entraria numa senda fatal.

“O Espiritismo tem princípios que, em razão de se fundarem nas leis da Natureza, e não em abstrações metafísicas, tendem a tornar-se, e certamente tornar-se-ão um dia, os da universalidade dos homens. Todos os aceitarão, porque serão verdades palpáveis e demonstradas, como aceitaram a teoria do movimento da Terra; mas pretender que o Espiritismo em toda parte seja organizado da mesma maneira, que os espíritas do mundo inteiro estarão sujeitos a um regime uniforme, a uma mesma maneira de proceder, que deverão esperar a luz de um ponto fixo, para o qual deverão fixar o olhar, seria uma utopia tão absurda quanto pretender que todos os povos da Terra um dia não formem senão uma única nação, governada por um só chefe, regida pelo mesmo código de leis e submetidas aos mesmos costumes. Se há leis gerais que podem ser comuns a todos os povos, essas leis serão sempre, nos detalhes da aplicação e da forma, apropriadas aos hábitos, aos caracteres e aos climas de cada uma.

“Assim será com o Espiritismo organizado. Os espíritas do mundo inteiro terão princípios comuns, que os ligarão à grande família pelo laço sagrado da fraternidade, mas cuja aplicação poderá variar conforme as regiões, sem que, por isto, seja rompida a unidade fundamental, sem formar seitas dissidentes que se atirem a pedra e o anátema, o que seria antiespírita em alto grau. Poderão, pois, se formar, e inevitavelmente se formarão, centros gerais em outros países, sem outro laço além da comunhão de crença e a solidariedade moral, sem subordinação de um ao outro, sem que o da França, por exemplo, tenha a pretensão de impor-se aos espíritas americanos e reciprocamente.”

Finalmente, resta-nos explicar o emprego dos fundos da caixa geral que não fazem parte do capital social e que se compõem dos donativos feitos até hoje com o fito de concorrer à propagação dos princípios do Espiritismo. A Sociedade Anônima não tem dúvida de que realizará o desejo dos doadores, aplicando a quota dessas doações à constituição do fundo de reserva, conformemente aos artigos dos estatutos que determinam seu objetivo.

A esse respeito, para liberar completamente a Sra. Allan Kardec e a Sociedade, cumprimos o dever de publicar a lista das somas recebidas e dos nomes dos subscritores, a fim de que aqueles cujas intenções não tivessem sido bem compreendidas e que desejassem dar outra destinação a seus fundos, possam dirigir suas reclamações à Sociedade.

Estamos contentes pela oportunidade, aqui encontrada, de transmitir os nossos agradecimentos e sinceros cumprimentos a todos os que, material e moralmente, se empenharam pela constituição definitiva do Espiritismo.

*Listas das subscrições depositadas na Caixa Geral  
para a propagação do Espiritismo*

1868 – Dezembro	20 – Grupo Mendy, de Nancy	60,00
1869 – Janeiro	7 – D..., de Angers	5,00
	8 – J... e B..., de Paris	10,00
	8 – Ch..., de Paris	20,00
	9 – Guilbert..., de Rouen	1.000,00
	11 – D..., de Toulouse	10,00
	16 – F..., de Saint-Étienne	10,00
	29 – Sra. Al..., de Meschers	20,00
Fevereiro	1 <sup>o</sup> – B..., de Dijon	10,00
	8 – De Th.	2,75
	27 – Hug..., de Guadalupe	50,00
	27 – Os espíritas da ilha de Oléron	50,00
Março	2 – Y..., de Paris,	500,00
	16 – Grupo Fr..., de Poitiers	26,00
	19 – C..., de Toulon	30,00
Abril	16 – X..., de Béthune	2,20
	16 – Cr..., de Paris	100,00
	16 – F..., de Guerche (Cher)	5,00

REVISTA ESPÍRITA

	16 – Grupo de Saint-Jean-d'Angely . . .	20,00
	19 – M..., de Cognac . . . . .	2,00
	23 – Diversos . . . . .	1,00
Maio	7 – De V..., . . . . .	20,00
	14 – Sociedade de Constantina . . . . .	5,00
	22 – D..., de Philippeville . . . . .	20,00
	28 – Sociedade Espírita de Rouen, presidente, Sr. Guilbert . . . . .	1.000,00
	29 – Sociedade Espírita de Toulouse . .	224,50
Junho	10 – Grupo Espírita da Paz, de Liège .	20,00
		_____
	Total das somas recebidas . . . . .	3.323,45
	Despesas diversas . . . . .	3,00
		_____
	Em caixa, em 1 <sup>o</sup> de agosto . . . . .	3.320,45

A esses valores devemos acrescentar o produto da brochura publicada pelo Sr. C... sob o título de: *Instrução prática para a organização dos grupos espíritas*, cuja totalidade é destinada pelo autor para aumentar os meios de ação da Sociedade anônima.

Bom número dos nossos irmãos da província e do estrangeiro se desdobrou para concorrer, através de seus donativos, à elevação do monumento fúnebre que o Espiritismo se propõe construir em memória do Sr. Allan Kardec; cumprimos também



um dever de lhes testemunhar a nossa profunda gratidão. Numerosas cartas de adesão à determinação tomada a esse respeito nos foram dirigidas, bem como proposições de modificações de diversas naturezas. Essa correspondência, que constitui objeto de um dossiê especial, será submetida, em tempo oportuno, à apreciação da comissão que será nomeada para tal efeito.<sup>32</sup>

Como se vê, a Sociedade se preocupa principalmente em assegurar a vitalidade do Espiritismo e de o livrar da usurpação do orgulho e da especulação. Reunirá todos os sufrágios? não terá de lutar contra a ambição dos que querem ligar seu nome a uma inovação qualquer? Ninguém pode gabar-se de contentar todo o mundo. O desejo da Sociedade, e esperamos não nos decepcionar, é satisfazer à vontade da maioria, permanecendo na senda traçada.

Quanto aos dissidentes, às críticas, sejam quais forem, dir-lhes-emos, como o Sr. Allan Kardec: “O que vos barra o caminho? Quem vos impede de trabalhar de vosso lado? Quem vos proíbe de publicar vossas obras? A publicidade vos está aberta, como a todo o mundo; daí algo de melhor do que existe e ninguém se oporá; sede mais bem apreciados pelo público e ele vos dará a preferência.

“Pelo fato de a Doutrina não se embalar em fatos irrealizáveis para o presente, não significa que se imobilize no presente. Apoiada exclusivamente nas leis da Natureza, não pode variar mais do que essas leis; mas, se uma nova lei se descobrir, a ela se aliará; não deve fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de suicidar-se; assimilando todas as idéias reconhecidamente justas, seja qual for a ordem a que pertençam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, e aí está uma das principais garantias de sua perpetuidade.

32 As subscrições para o monumento do Sr. Allan Kardec devem ser dirigidas aos cuidados da Sociedade Anônima, ao Sr. Bittard, 7, rue de Lille.

“A verdade absoluta é eterna e, por isto mesmo, invariável. Mas, quem pode lisonjear-se de a possuir inteiramente? No estado de imperfeição dos nossos conhecimentos, o que hoje nos parece falso amanhã pode ser reconhecido verdadeiro, em consequência da descoberta de novas leis; assim é na ordem moral, como na ordem física. É contra esta eventualidade que a Doutrina jamais deve ser pega de surpresa. O princípio progressivo, que ela inscreve em seu código, será, como temos dito, a garantia de sua perpetuidade e sua unidade será mantida precisamente porque não repousa no princípio da imobilidade. Em vez de ser uma força, a imobilidade se torna uma causa de fraqueza e de ruína para quem não segue o movimento geral; rompe a unidade, porque os que querem ir avante se separam dos que se obstinam em ficar atrás. Mas, seguindo o movimento progressivo, é preciso fazê-lo com prudência e se precaver contra os devaneios das utopias e dos sistemas. É preciso fazê-lo a tempo, nem muito cedo, nem muito tarde, e com conhecimento de causa.

“Compreende-se que uma doutrina assentada em tais bases deve ser realmente forte; desafia toda concorrência e neutraliza as pretensões de seus competidores. É para este ponto que os nossos esforços tendem a levar a Doutrina Espírita.

“Aliás, a experiência já justificou esta previsão. Tendo marchado sempre neste caminho desde a sua origem, a Doutrina avançou constantemente, mas sem precipitação, olhando sempre se o terreno onde pisa é sólido e medindo seus passos no estado da opinião. Ela fez como o navegante, que só marcha com a sonda à mão e consultando os ventos.”

## Variedades

### O ÓPIO E O HAXIXE

Escrevem de Odessa a um dos nossos assinantes da Rússia, neste momento em Paris:

“Se assistirdes a uma sessão espírita na casa do Sr. Allan Kardec, proponde, eu vos peço, a questão tão interessante sobre os efeitos do ópio e do haxixe. Os Espíritos aí têm uma participação qualquer? Que se passa na alma, cujas faculdades parecem triplicar-se? Supõe-se que se separe quase inteiramente do corpo, desde que basta pensar numa coisa para vê-la aparecer, e sob formas tão distintas que se a tomaria pela realidade. Deve haver aí uma analogia qualquer com a fotografia do pensamento, descrita na *Revista Espírita* de junho de 1868, e em *A Gênese segundo o Espiritismo*, capítulo XIV. Entretanto, nos sonhos provocados pelo haxixe, por vezes se vêem coisas em que jamais se pensou e, quando se pensa num objeto qualquer, ele vos aparece em proporções exageradas, impossíveis. Pensais numa flor e logo se elevam diante de vós montanhas de flores que passam, desaparecem e reaparecem aos vossos olhos com uma rapidez assustadora, uma beleza e uma vivacidade de cores de que não se pode fazer nenhuma idéia. Pensais numa melodia e ouvis uma orquestra inteira. Lembranças há muito esquecidas vos acorrem à memória como se fossem de ontem.

“Li bastante sobre o haxixe, entre outras a obra de Moreau de Taur. O que mais me agradou foi a descrição que dele dá um sábio médico inglês (o nome me escapa), e que fez experiências consigo mesmo. As que fiz com alguns de meus amigos só foram bem-sucedidas em parte, o que provavelmente se devia à qualidade do haxixe.”

Tendo sido lida esta carta na Sociedade de Paris, o Espírito Morel Lavallée fê-la objeto da dissertação seguinte:

(Sociedade de Paris, 12 de fevereiro de 1869)

O ópio e o haxixe são anestésicos muito diferentes do éter e do clorofórmio. Enquanto estes últimos, suprimindo momentaneamente a aderência do perispírito ao corpo, provocam

um *desprendimento particular* do Espírito, o haxixe e o ópio condensam os fluidos perispirituais e diminuem a sua flexibilidade, soldando-os, por assim dizer, ao corpo e acorrentando o Espírito ao organismo material. Neste estado, as variadas e numerosas visões que se produzem sob a excitação dos desejos do Espírito, pertencem à ordem dos sonhos puramente materiais. O fumante do ópio adormece para sonhar e sonha como deseja, material e sensualmente. O que vê são panoramas particulares de embriaguez, provocados pela substância que ingeriu. Ele não é livre: está ébrio e, como na embriaguez alcoólica, o pensamento dominante do Espírito, tomando uma forma imutável, distinta, sensível, aparece e varia conforme a fantasia do dorminhoco.

Se a sensação desejada se acha centuplicada no resultado, isto se deve a que o Espírito, não tendo mais a força e a liberdade necessárias para medir e limitar seus meios de ação, age para obter o objeto de seus desejos com uma potência centuplicada, em razão de seu estado anormal. Não sabe mais regular seu modo de ação sobre o fluido perispiritual e sobre o corpo. Daí a diferença de potência entre o efeito produzido e o desejo que o provoca.

Como já se disse, no sonho espiritual o Espírito, destacado do corpo, vai recolher realidades de que muitas vezes não guarda senão uma lembrança confusa. Na embriaguez devida aos elementos opiáceos ele se encerra em sua prisão material, na qual a mentira e a fantasia, materializadas, se dão as mãos.

Desprendimento real, útil, normal, só o é o do Espírito desejoso de avançar na ordem moral e intelectual. Os sons provocados, sejam quais forem, são sempre entraves à liberdade do Espírito e uma ameaça para a segurança corporal.

O éter e o clorofórmio que, em certos casos, podem provocar o desprendimento espiritual, exercem uma influência particular sobre a natureza das relações corporais. O Espírito

escapa do corpo, é certo, mas nem sempre tem uma noção extremamente clara dos objetos exteriores. Na embriaguez devida ao ópio, tem-se um Espírito sadio encerrado num corpo ébrio e submetido às sensações superexcitadas desse corpo. No desprendimento pelo éter, nós nos defrontamos com um Espírito ébrio perispiritualmente e subtraído à ação corporal. O ópio embriaga o corpo; o éter e o clorofórmio embriagam o perispírito; são dois estados de embriaguez diferentes, cada um entervando, de modo diverso, o livre exercício das faculdades do Espírito.

*Dr. Morel Lavallée*

*Observação* – Notável sobre vários pontos de vista, tanto pela clareza e pela concisão do estilo, quanto pela originalidade e novidade das idéias, esta instrução nos parece destinada a tornar conhecida uma questão até aqui pouco estudada.

Se se admite facilmente a embriaguez corporal ou sensual, de que os fatos da vida diária oferecem tão numerosos exemplos, o estudo da embriaguez perispiritual, se é que existe, parece, à primeira vista, subtrair-se às investigações dos pensadores. Algumas reflexões a respeito, simples expressão de nossa opinião pessoal, talvez não sejam despropositadas aqui.

Nenhum espírita duvida de que o homem, em seu estado normal, seja um composto de três princípios essenciais: o Espírito, o perispírito e o corpo. “Se, na existência terrestre, esses três princípios estão constantemente frente a frente, eles devem necessariamente reagir um sobre o outro, e de seu contato resultará a saúde ou a doença, conforme haja entre eles harmonia perfeita ou discordância parcial.” (*Revista Espírita* de 1867: *As três causas principais das doenças.*)

A embriaguez, seja qual for, aliás, a sua causa e sede, é uma doença passageira, uma ruptura momentânea do equilíbrio orgânico e da harmonia geral que lhe é conseqüente. O ser todo

inteiro, momentaneamente privado da razão, aos olhos do observador apresenta o triste espetáculo de uma inteligência sem direção, entregue a todas as inspirações de uma imaginação vagabunda, que não vem mais governar e moderar a vontade e o julgamento. – Seja qual for a natureza da embriaguez, este será sempre, em todos os casos, o seu resultado aparente.

Sob o império da embriaguez, o homem se assemelha a um aparelho telegráfico desorganizado numa de suas partes essenciais, que só transmite despachos incompreensíveis, ou mesmo não transmitirá absolutamente nada, esteja a causa da desordem no aparelho produtor, no receptor ou, enfim, no aparelho de transmissão.

Se agora examinarmos atentamente os fatos, eles não parecem dar razão à nossa teoria? A embriaguez do homem subjugado pelo abuso dos licores alcoólicos não se parece com as desordens provocadas pela superexcitação ou pelo esgotamento do fluido locomotor, que anima o sistema nervoso? Não é ainda uma *embriaguez especial* a divagação momentânea do homem ferido subitamente em suas mais caras afeições? Estamos profundamente convictos de que há três espécies de embriaguez no encarnado: a embriaguez material, a fluídica ou perispírita, e a mental. O corpo, o perispírito e o Espírito são três mundos diferentes, associados durante a existência terrestre, e o homem não se conhecerá psicológica e fisiologicamente senão quando consentir em estudar atentamente a natureza desses três princípios e suas relações íntimas.

Repetimos: estas poucas reflexões são pura e simplesmente a expressão de nossa opinião pessoal, que não pretendemos impor a ninguém. É uma teoria particular que parece basear-se nalgumas probabilidades e que nos deixará contentes se as virmos discutidas e controladas pelos nossos leitores. – A verdade não pode ser privilégio de um só, nem de alguns. Ela

emana da discussão esclarecida e da universalidade das observações, únicos critérios dos princípios fundamentais de toda filosofia durável.

Seremos gratos aos espíritas de todos os centros que houverem por bem colocar esta teoria no número das questões a serem estudadas, e nos transmitirem as reflexões e as instruções de que ela poderá ser objeto.

## Necrológio

SR. BERBRUGGER, DE ARGEL

Escrevem-nos de Sétif, Argélia:

“Decididamente, de algum tempo para cá a morte não deixa de castigar as nossas glórias nacionais. Quem as substituirá? Não nos inquietemos com isto! o futuro está nas mãos de Deus e a nova geração não será mais privada do que as que a precederam, de elementos capazes de garantir a marcha incessantemente progressiva das humanidades.

“Hoje a nossa capital deplora a perda do Sr. A. Berbrugger, conservador da Biblioteca de Argel, homem tão notável por sua profunda erudição, quanto pela urbanidade e elevação de seu caráter, por sua modéstia e simpatia quanto pela notável retidão de seu julgamento.”

O Sr. Berbrugger era, nos últimos treze anos, presidente da Sociedade Histórica Argelina e redator-chefe da *Revista Africana*. Fora de seus eruditos artigos, publicados mensalmente na *Revista Africana*, o Sr. Berbrugger é autor de vários tratados de Arqueologia muito solicitados; quando sucumbiu, acabava de dar uma última demão a uma pequena obra intitulada:

*Le Tombeau de la Chrétienne*<sup>33</sup>, que recomendamos à atenção dos amadores. Além disso, era inspetor-geral dos monumentos históricos e dos museus arqueológicos da Argélia, membro de várias sociedades científicas, etc.

Suas aspirações filosóficas dele tinham feito, desde a origem do Espiritismo, um partidário esclarecido e profundamente convicto dos nossos princípios. Sua situação particular, as funções especiais de que estava investido o obrigaram a não participar de nenhum movimento senão com a mais extrema reserva. Todavia, ele mantinha uma correspondência muito assídua com o Sr. Allan Kardec e, tanto quanto possível, participava da propagação da Doutrina, fazendo chegar ao centro os documentos úteis ao desenvolvimento dos nossos estudos.

Não temos dúvida de que este eminente Espírito, hoje reunido ao do nosso venerado mestre, não terá entrado no mundo espiritual como num país desconhecido, e de que nele goze da felicidade reservada aos homens de bem.

Quando estiver plenamente consciente de sua nova situação, sentir-nos-emos felizes se se dignar a participar de nossos trabalhos e nos comunicar o resultado de seus estudos e observações.

## Dissertações Espíritas

### NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO

(Paris, 11 de março de 1869 – Médiun: Sr. D.)

A pergunta seguinte foi feita a propósito de uma antiga comunicação, na qual fora dito que certos Espíritos não tinham tido encarnações carnis, mas somente um corpo perispiritual. É o

33 *Le Tombeau de la Chrétienne* (O Túmulo da Cristã), mausoléu dos últimos reis da Mauritània, por Adrien Berbrugger; 1 vol. in-8, preço: 2 fr. Paris, Challamel.



que se chamava erradamente de *encarnação espiritual*, o que seria um contra-senso, levando-se em conta que a palavra *encarnação* implica a idéia de uma substância carnal. Teria sido mais exato dizer que certos Espíritos nada tinham, a não ser a vida espiritual.

**Pergunta** – *Há Espíritos que não estejam submetidos à encarnação material? É possível, sem submeter-se às provas da vida ordinária, adquirir certos conhecimentos e chegar à perfeição? Que pensar das comunicações dadas neste sentido?*

**Resposta** – Não; a encarnação puramente espiritual ou, para falar mais exatamente, a encarnação perispiritual, a existência incorpórea não é suficiente para a conquista de todos os conhecimentos necessários a um certo estado de adiantamento moral e intelectual. Destinando-se os Espíritos, à medida que progredem mais, a participar cada vez mais ativamente no mecanismo da Criação, e devendo dirigir a ação dos elementos materiais, presidir às leis que põem os fluidos em vibração e determinam todos fenômenos naturais, eles não podem chegar a um tal resultado senão pelo conhecimento dessas leis, e não as poderão conhecer e aprender a dirigir sem que, primeiramente, a elas estejam submetidos.

Malgrado a aparência um tanto paradoxal do início, não tenho dúvida de vos provar que é assim mesmo, porque é a verdade, e não uma teoria pessoal.

Antes de mais, estabeleçamos que não é o homem que está submetido às leis físicas, mas sim os elementos físicos que o constituem. Ele as sofre, tanto quanto os ignora, mas os domina e dirige à medida que aprende a conhecê-los. O humilde passageiro de um navio a vapor está sujeito à lei da força que dirige o navio; o mecânico domina e dirige a máquina; retém a força e faz servir as leis que descobriu à realização de suas vontades. Dá-se o mesmo com todas as leis da Natureza. Desconhecidas do homem e contrariadas por ele, elas o golpeiam e ferem; mas, o que ele

descobre, o que adquire se lhe torna submisso. Controla a velocidade das correntes d'água, transforma-as em força e as utiliza em suas máquinas; o vapor o transporta e a eletricidade se torna um órgão de transmissão de seu pensamento.

Mas, como lhe veio a força? De seu contato com essa força; dos sofrimentos e dos benefícios que ela lhe trouxe! Quis diminuir uns e aumentar os outros e, pela experiência e pela observação, cada dia chegar a obter mais esse resultado. Mas, como teria adquirido, se não tivesse o desejo de adquirir? Quem lhe teria incutido esse desejo no coração, senão a necessidade? Que fazeis para não serdes constrangidos e forçados?... A necessidade de saber é a consequência da necessidade de gozar; tendes aspirações porque vos falta a felicidade e porque está na natureza de todo ser procurar o bom quando está mal e o melhor quando está bem.

Por que não seria assim com os outros seres? Por que o desejo de trabalhar viria a uns, sem que a necessidade os impelisse, enquanto tantos outros trabalham com tão pouco ardor, mesmo quando o instinto de conservação lho exige? E depois, Deus seria justo e sensato se suscitasse semelhante dilema ao homem? Se a encarnação é inútil, por que ele a teria criado? Se é necessária e justa, como outras criaturas poderiam prescindir dela?... Não; é uma teoria que nada justifica, mas que era útil estabelecer, ainda que fosse para demonstrar a sua impossibilidade. *A verdade só triunfará quando todos os sistemas forem reconhecidos como falsos.*

O Espírito que assim vos falou estava de boa-fé; acreditava no que dizia e, se outros não vos desiludiram, é que não havia chegado o tempo para vos dizerem mais. A verdade vos teria parecido improvável! Hoje vedes melhor, porque os vossos conhecimentos são mais vastos. Amanhã, aquilo que sabeis hoje não passará de minúscula parte dos conhecimentos que tereis adquirido, e assim por toda a eternidade.

*Clélie Duplantier*

## Poesias Espíritas

A ALMA E A GOTA D'ÁGUA

(Médium: Sr. J.)

Pequena gota d'água em nuvens tens passagem,  
Sabes qual será teu destino?  
Sobre qual leito de folhagem  
Virá te oferecer o beijo matutino?  
Da planície em que o solo quente,  
Qual torrente espumosa ao flanco da colina,  
Qual oceano ou fonte argente  
Espera, gota d'água, o teu beijo em surdina?  
Poderás irisar a sebe colorida?  
Na lama irás deixar o teu cântico olor,  
Ou dormir, amante querida,  
No cálice a rir de uma flor?

.....  
.....  
Ah! que te deu da vida o acaso em que sorrisas,  
Seus bens ou dor em que te forres?  
Num certo plano de harmonias,  
Escrava nasces e assim morres...  
Mas a alma, mistério sublime,  
Raio vindo do céu para a imortalidade,  
A alma se eleva ou se deprime  
Ante o sopro da liberdade.

*(Espírito batedor de Carcassonne)*

## Bibliografia

Como já esperávamos, a brochura do Sr. C..., intitulada: *Instrução prática para a organização dos grupos espíritas*<sup>34</sup>, foi acolhida favoravelmente em toda parte. Seu objetivo e o interesse que o autor soube despertar farão dela uma obra de primeira utilidade,

34 Um vol. in-12; preço: 1 fr.; Livraria Espírita, 7, rue de Lille.

não só para os grupos em vias de formação, mas, também, para os grupos já formados e para os espíritas isoladamente.

Atrasos independentes de nossa vontade, quase sempre inseparáveis das publicações novas, nos obrigaram a adiar a venda desta obra que, realmente, só apareceu no final da primeira quinzena de julho.

Deu-se o mesmo com a notável obra traduzida do inglês e comentada pelo Sr. Camille Flammarion<sup>35</sup>. Hoje estamos em condições de fazer chegar prontamente esses dois volumes aos correspondentes que no-los solicitarem.

## Aviso Importante

A partir de 15 de agosto:

Todas as correspondências, seja qual for o seu objetivo, deverão ser dirigidas à administração da Sociedade Anônima, 7, rue de Lille, sem nenhuma designação pessoal.

A distribuição das cartas será de alçada puramente administrativa.

*Observação* – Para reduzir as providências e as perdas de tempo ao mínimo possível, os valores ou vales postais inseridos nas cartas dirigidas à Sociedade deverão ser feitos ao Sr. Bittard, especialmente encarregado dos recebimentos, sob a supervisão da comissão de administração da Sociedade.

Pelo Comitê de Redação

*A. Desliens* – *Secretário-Gerente*

35 *Os Últimos Dias de um Filósofo*; 1 grosso vol. in-12; preço: 3 fr. 50.